

**MODOS DE INSERÇÃO DO *CINEGÉTICO*,
DE GRATTIUS FALISCUS, NA TRADIÇÃO
DA POESIA DIDÁTICA ANTIGA ***

Matheus Trevizam **

Resumo:

*Neste artigo, desejamos descrever um poema latino sobre a caça, intitulado **Cinegético**, como típico representante textual da poesia didática antiga. Ao mesmo tempo, intentamos particularizá-lo no interno de sua categoria literária pela maneira de Grattius Faliscus construir a figura do “aluno” no poema e repartir os níveis temáticos da obra entre ostensivo/concreto e subjacente/abstrato.*

Palavras-chave: poesia didática; gênero literário; **Cinegético**; Grattius Faliscus; caça.

WAYS OF INSERTION OF GRATTIUS FALISCUS' *CYNEGETICON* IN THE TRADITION OF ANCIENT DIDACTIC POETRY

***Abstract:** This article deals with the description of a Latin poem about hunting, **Cynegeticon**, as a typical textual representation of an ancient didactic poetry. Alongside with the description, the article will also intend to particularize the poem within its literary type, based upon Grattius Faliscus' specific way to building the character of the “student” in the poem and to dividing the thematic levels of the book between obvious/concrete and underpinning/abstract.*

Key-words: didactic poetry; literary genre; **Cynegeticon**; Grattius Faliscus; hunting.

* Recebido em: 10/01/2017 e aceito em: 25/02/2017.

** Professor associado da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

1. Introdução: possíveis relações do *Cinegético* graciano com mais de uma tradição compositiva

Falando no *Cinegético* de Grattius Faliscus, autor romano dos tempos do imperador Augusto, podemos situar essa produção no seio de mais de uma tradição letrada. De início, referimo-nos ao fato de que a feitura de obras antigas, em grego e latim, cujo assunto seja as técnicas de caça, não é algo excepcional: assim, além de Grattius e do escritor ateniense de que passamos a tratar abaixo, temos ainda notícia da elaboração de textos com temas venatórios, na Antiguidade, ao menos através dos trabalhos de Opiano de Anazarbo (em grego) – séc. II d.C. – e Nemesiano de Cartago (em latim) – séc. III d.C.

Já Xenofonte ateniense, autor do séc. V a.C., escrevera uma obra homônima sobre esse tema técnico – a qual, muitas vezes, se tem descrito como um texto de sua juventude (ANDERSON, 1974, p. 183). Nesse *Cinegético*, vários temas clássicos, em obras dedicadas a desenvolver conteúdos sobre a caça, já estão presentes, a exemplo dos preceitos relativos aos cuidados com os cães; dos tipos de redes de utilidade na captura de animais silvestres;¹ do rastro deixado por esses mesmos animais; da perseguição às lebres, etc.

Quanto aos homens, no *Cinegético* de Xenofonte, pode-se dizer que sempre hão de caçar a pé – não a cavalo;² que se servem de lanças como armas de ataque aos javalis, conforme retratado em mais de um vaso grego; que devem fitar os olhos das presas, averiguando as direções aonde intentam fugir; que necessitam saber escapar diante da queda acidental em presença de um javali e como salvar um amigo em circunstâncias parecidas (ANDERSON, 1974, p. 184). O autor antigo ainda considera, ao final do tratado, que a dedicação à caça constitui, para a contraparte humana dos envolvidos em semelhante “exercício”, um meio educativo muito superior à “falsa” formação propiciada pelos sofistas (ANDERSON, 1974, p. 183).³

Inegáveis semelhanças temáticas à parte, entre o *Cinegético* de Xenofonte e o de Grattius Faliscus, convém ter em mente que a estruturação literária da segunda obra não se identifica com a de um tratado, tendo, antes, raízes fincadas em certa tipologia poética iniciada com **Os trabalhos e os dias** de Hesíodo (séc. VIII-VII a.C.). Esse texto grego, com efeito, já fora composto como um *poema didático* a conter, do modo como em geral se nos apresenta, 828 versos.⁴ Isso significa que, além de tal obra hesiódica

se direcionar para seu exterior de maneira “professoral” – o que pode ser notado, inclusive, pelo emprego de formas verbais imperativas de segunda pessoa –,⁵ ela ainda inclui o tratamento empenhado e, por vezes, técnico dos assuntos escolhidos (a moral e, de maneira entrelaçada, os trabalhos do campo),⁶ compõe-se do início ao fim por meio do metro hexâmetro datílico,⁷ apresenta várias digressões mítico-narrativas ao longo de sua tessitura⁸ e acabou por fixar parâmetros no tocante à quantia de versos inicialmente tida como cabível para os textos desse tipo.⁹

Na sequência do artigo, atendo-nos sequencialmente à busca de semelhantes traços constitutivos do “gênero” da poesia didática antiga no **Cinegético** atribuído a Grattius, intentaremos mostrar não só (2) a adesão desse poeta latino ao modelo tipológico seguido, mas também, (3) considerando nesse âmbito duas nuances de realização literária possíveis, em quais delas ele preferiu encaixar-se.

2. O *Cinegético* de Grattius Faliscus como realização dos princípios compositivos básicos da poesia didática greco-latina

Parece-nos bem propor aqui que o pequeno poema (541 versos) intitulado **Cinegético**, de autoria do obscuro autor romano Grattius (Faliscus) –¹⁰ “publicado” em fins do séc. I a.C., ou inícios do século I d.C. –, o qual se ocupa de oferecer preceitos sobre as técnicas de caça, enquadra-se, de maneira geral, nos paradigmas indispensáveis para vir a ser considerado uma obra pertencente à tipologia didática da Literatura antiga. Esse texto, assim, em cobertura a assuntos como a fabricação de redes, armadilhas e venâbulos – vv. 89-126 –, as raças e os tratamentos devidos aos cachorros – vv. 150-327, as enfermidades dessa espécie, de indispensável auxílio para os seres humanos na perseguição a animais selvagens – vv. 344-479 –, e as raças equinas – vv. 501-541 –, comunica tais conteúdos recorrendo à “voz” de um mestre (*magister* didático), o qual direciona seus preceitos para, ao menos, um subentendido “aluno” (*discipulus*). Repisamos que o sinal mais concreto da existência dessa relação entre professor e aluno na poesia didática corresponde às formas verbais e pronominais de segunda pessoa, evocativas, por um lado, do próprio foco (o *magister*) emissor dos preceitos oferecidos, e, por outro, da “escuta” por parte de uma figura (o *discipulus*), em princípio, interessada em aprender: “*Tu*, porém, por onde os

prospectos são os mais prováveis, a furiosa pestilência *ataca*”.¹¹ No par de versos transcrito em nota, o qual se encontra em um entorno de significados eminentemente veterinários, o autor do **Cinegético** recomenda astúcia ao responsável pelos cães de caça, tentando dissuadi-lo de desperdiçar oportunidades no combate aos males da espécie canina; assim, do modo terapêutico que lhe parecer a cada vez o mais propício, esse tratador necessitará, sem sombra de dúvida, agir. Tal sentido de necessidade da ação, conforme as exigências circunstanciais, constrói-se linguisticamente no trecho citado porque a explícita interpelação do aluno pelo pronome “tu” como que deposita sobre ele, e ninguém mais, a responsabilidade por tais terapias;¹² além disso, o imperativo latino *aggredere*, com seu sentido de “dirigir-se ativamente de encontro”¹³ a um problema qualquer e o estabelecimento de certa relação hierárquica entre mestre e aluno – havendo, neste caso, total clareza sobre o aspecto de quem “manda” e de quem “obedece” –, ativa sentidos, ao mesmo tempo, relacionados a uma postura empenhada para o aluno e de firmeza de comando para seu mestre.

Soma-se a esses elementos constitutivos didáticos (professor e aluno) a existência (nos versos de **Cinegético**) de, ao menos, três digressões extensas: elas seriam, a saber, o elogio a Dércilo, suposto “descobridor” das técnicas de caça, o qual se encontra entre vv. 95-107; depois, há outra digressão sobre o luxo, conectando-se ao tema técnico do modo de criação das ninhadas caninas e situando-se, desta vez, entre vv. 307-327; finalmente, a derradeira digressão do **Cinegético** corresponde, no entender de José A. Correa Rodríguez (1984, p. 16), ao excurso sobre certa gruta de Vulcano, situada na Sicília, estendendo-se de v. 427 a v. 464. As digressões comumente entremeadas aos poemas didáticos, encontráveis nos espécimes de tal tipologia desde **Os trabalhos e os dias**¹⁴ e, assim, identificáveis como mais um traço identificador desse “gênero”, foram explicadas como “painéis mítico-narrativos” em uma obra referencial de Peter Toohey (2010, p. 4), mas não é obrigatório que contenham relatos de mitos, podendo-se preencher com temas de caráter elogioso e descritivo, por exemplo – como a passagem das *Laudes Italiae* que se vê em **Geórgicas** II, vv. 143-176. No próprio **Cinegético**, por sinal, somente o elogio de Dércilo (= Aristeu) e a passagem sobre a gruta de Vulcano, dotada de traços “topográficos” (= descritivos de um lugar) em seus inícios, contêm elementos nos quais se pode divisar a participação de entes, se não apenas inseridos no mundo mítico – pois Vulcano, além de personagem de narrativas lendárias mais ou

menos “fantasiosas”,¹⁵ foi ainda efetivo deus da religião romana (SCHEID, 2010, p. 131) –, também associáveis a tal forma de pensamento.

No excerto a respeito do luxo, acima mencionado, nada encontramos de referente a heróis ou deuses a interagir com seres humanos em peripécias fabulosas, mas antes uma espécie de contraposição cerrada entre o desregramento de vários povos estrangeiros – egípcios, lídios e gregos – e a frugalidade e equilíbrio dos romanos “à moda antiga”:

Naturalmente, para nada ser deixado a coroar a posse da riqueza, tu também, ó Grécia, reunindo as artificiosas invenções do luxo e seguindo com loucura a culpa alheia, quanto e quantas vezes te esquivaste da honradez dos ancestrais! Mas de que tipo, quão frugal a mesa dos nossos Camilos!¹⁶ Como te vestias, depois de tantos triunfos, Serrano!¹⁷ Assim esses, por sua natureza e índole de antiga bravura, impuseram Roma como capital do mundo, e por eles foi elevada aos céus a bravura, alargando-se às mais altas honras.¹⁸

Além da “constelação” professor-aluno¹⁹ e do entremeio de digressões, o tratamento de assuntos quaisquer, sejam eles meramente técnicos – caça, pesca, agricultura, etc. – ou filosófico-científicos – o epicurismo, os funcionamentos de grande escala a envolverem os astros, a toxicologia e outros –, com razoável nível de sistematicidade também foi apontado por Toohey (2010, p. 4) como um “ingrediente” indispensável de todo poema didático. Dispomos de evidências para afirmar algo semelhante a respeito do **Cinegético** de *Grattius* porque, amiúde, os críticos têm destacado o caráter denso da abordagem do autor no tocante aos temas de caça, como se ele não se furtasse a oferecer os preceitos cabíveis, sem importar-se com os riscos de vir a ser demasiado “pesado” ou incômodo para aqueles não tão interessados assim por semelhantes saberes. Para Peter Toohey (2004, p. 241), então, “a instrução, mais do que o jogo, condiciona o texto de *Grattius*. O utilitarismo domina a textura poética. A extravagância e o jogo de palavras estão excluídos (não há aquele humor ou desorientação a colocar em dúvida a aplicabilidade do material que está sendo transmitido)”;²⁰ segundo Francisca Moya (2007, p. 465), por sua vez, “ao pretender ensinar sobre as artes cinegéticas, o autor detém-se em explicações eruditas de diversos tipos, chegando, por exemplo, em seu detalhismo, a falar da indumentária do caçador (337-343)”.²¹ A própria leitura do excerto graciano abaixo, em nossa tradução, há de elucidar diretamente este aspecto da tecnicidade expositiva do texto:

*Primeiro, manda-se unir a fimbria que nasce do tênue fio e quatro fimbrias juntar no torno: essa corda tolera os trabalhos, essa tem uso prolongado. Então a própria redinha, na boca central com que surge, circundará sem interrupção com seis pregas, a fim de que, na cavidade inteira, capture o inimigo, por mais avantajado que seja. Mas eu gostaria de estender uma rede pela extensão de quarenta passos e de que se levantasse a dez nós completos. Não compensam malhas sujeitas a maior custo. Os melhores linhos darão os pântanos cinífios, não duvides; boa é a produção do vale eólio da Sibila e a colheita de estopa no campo ensolarado dos etruscos, bebendo a umidade contígua do rio onde o Tibre, fertilizador do Lácio, por sombreados silêncios desliza e chega ao golfo marinho num grande estuário. Mas, pelo contrário, têm nossos faliscos linhos imbeles, e os hispânicos, de Sétabis, são considerados para outro uso.*²²

O metro, critério importante para as classificações genéricas das obras antigas, também favorece o encaixe do **Cinegético** em pauta no âmbito da poesia didática. Seu autor empregou, a saber, os hexâmetros datílicos, usuais nessa tipologia literária desde Hesíodo, dissemos (TOOHEY, 2010, p. 23). Ao recorrer a essa forma métrica prestigiadíssima, Grattius se pôs, então, na ortodoxia das opções formais disponíveis para tal tipo de poesia, à diferença do Ovídio das obras erotodidáticas – **Ars amatoria e Remedia amoris** –, o qual preferiu servir-se, de acordo com o princípio do “hibridismo genérico” (CARVALHO, 2010, p. 25), característico de mais de um texto do sulmonense, dos dísticos elegíacos, formalmente associáveis à elegia erótica romana. Por esse e outros motivos, chegaram a pairar dúvidas sobre a pertença tipológica cabível para as obras ovidianas citadas (CARDOSO, 2003, p. 80-82 e p. 102 *et seq.*), algo fora de cogitação quando nos atemos ao **Cinegético** (CARDOSO, 2003, p. 117).

Uma derradeira frente de análise que se considera, em geral, significativa para a circunscrição de um poema antigo no âmbito didático diz respeito à extensão dos textos. Toohey, assim, cogita, com base inclusive no tamanho de **Os trabalhos e os dias**, os quais vimos que se espraiam ao longo de 828 versos, uma extensão inicial, para as obras dessa tipologia, de mais ou menos 800 versos (mas, no mínimo, 400),²³ embora, ao longo da história de composição de poemas didáticos em grego e latim, isso tenha sido mudado. Uma grande inovação a respeito de tal aspecto pode referir-se ao Lucrécio

de **De rerum natura** – meados do séc. I a.C. –, pois divisamos em tal obra o mais antigo poema didático com subdivisão em vários livros (de resto, todos a contar com mais de mil versos – TOOHEY, 2010, p. 87-88).

Apesar de acima termos dito que o **Cinegético** apresenta o total de 541 versos, isso não invalida automaticamente seu encaixe no critério de máxima extensão inicial da poesia didática antiga, pois a obra se encontra, para nós modernos, mutilada. O motivo que justifica tais dizeres é que o **Cinegético** deve ter contado, quando ainda inteiro em seu tamanho, com razoável quantia adicional de versos, pois a abordagem do último assunto do poema, a equinocultura (vv. 497-541), restringe-se agora apenas a mencionar algumas raças da espécie envolvida, não os tratos cabíveis: isso contrasta profundamente com a abordagem dos cães, *grosso modo* presente entre vv. 154-496, pois ali o tópico geral se divide não só nas raças caninas, mas na criação, nas doenças, nos remédios para elas, etc.

3. Dois breves comentários sobre pontos compositivos mais ou menos particularizantes do *Cinegético* graciano no âmbito comum do didatismo antigo

Retornando a um dos polos constitutivos gerais da poesia didática, ou seja, às características do *discipulus*, ou receptor interno da mensagem dos textos desse tipo, esclarecemos que não se deve confundi-lo com o público. A título de exemplificação, não somos romanos antigos interessados em aprender a tecer redes de caça ou necessitados de curar a sarna canina, mas, lendo um texto como o **Cinegético**, deparamos muitos pontos como os seguintes:

*Com efeito, se dá uma trégua a doença com clemência e, no começo, avisa de antemão, aprende as vias e furta-te com as técnicas por onde ela deixa.*²⁴

No excerto acima, como leitores, sabemos que os comandos do *magister*, realizados através de dois verbos no imperativo – *disce* e *exi* (v. 414) –, têm em mira essencialmente o foco intratextual do *discipulus*, o qual já se acha dessa forma inscrito na letra do texto antes mesmo de interagirmos com o **Cinegético**. Não podemos, todavia, furtar-nos a sermos nós próprios, dentro da situação comunicativa amiúde engendrada pela poesia didática, além de observadores a presenciar a interação “alheia” com detida

atenção e do lado “de fora” de um texto como esse (SHARROCK, 1994, p. 8), ainda aqueles interpelados pelos direcionamentos em segunda pessoa por parte do *magister*; também somos incluídos com ele em empregos verbais de *primeira pessoa do plural*.²⁵ Em outras palavras, em textos de forte e direto tom preceituador, como a poesia didática antiga, a forma de estruturação da linguagem, eminentemente voltada “para fora” do texto e visando, sobretudo, a tornar-se em procedimentos práticos de ação, acaba por si pressupondo em todo leitor um potencial e efetivo foco de recepção de comandos.

Pronunciando-se sobre essa “complexidade de papéis” demandada do público de todo poema didático, Alison Sharrock dividiu a instância do leitor em dois componentes, associáveis a *Reader* (equivalente do *discipulus* didático intratextual) e a *reader* (o público efetivo, que supostamente lê a obra para conhecê-la, não, de fato, para aprender sobre a agricultura, a caça, a filosofia, etc.). De todo modo, como frisamos acima, essa estudiosa postula a impossibilidade de uma dissociação plena entre “leitor interno” e “leitor distanciado”, nos termos que expusemos.²⁶

Transformados, nesse sentido, em “alunos de caça” pelo *magister* didático do **Cinegético**, não nos vemos, porém, obrigados a adaptar-nos a uma forma mais definida de relacionamento com ele, questões gerais de “interação pedagógica” à parte: ora, o exame da história progressiva da poesia didática antiga revela que, muitas vezes, a figura do *discipulus* é nomeada pelo mestre, como se dá em Hesíodo, cujo aluno de moral e agricultura, como vimos, corresponde, n’**Os trabalhos e os dias**, a Perses, seu irmão;²⁷ o mesmo, *mutatis mutandis*, ocorre com o *discipulus* chamado (Caio) Mêmio, no **De rerum natura** de Lucrecio, estando ele em correspondência aproximada com uma personagem homônima, de família aristocrática, pretensões letradas, a apresentar interesse pela filosofia e em cumprimento da função de patrono desse poeta, na vida social concreta (BROWN, 2001, p. XVI-XVII). A força e a clareza dos “laços” que unem *magister* e *discipulus*, nos livros em que o último se nomeia no poema lucreciano, levaram Brown, inclusive, a pronunciar-se sobre esse assunto de uma forma interpretativa “transbordante” dos versos do poema, chegando a um nível de apelo “pessoal”:

A ausência do nome de Mêmio no terceiro, quarto e sexto livros, que é possível terem sido os últimos compostos, pode dever-se pura-

*mente ao acaso; não só o poema inteiro é concebido como um apelo pessoal (que o leitor geral é admitido a ouvir), mas a linguagem associada com Mêmio no primeiro, segundo e quinto livros é por vezes ecoada quanto aos destinatários de segunda pessoa dos três livros restantes (...).*²⁸

Isso significa que os leitores de **Os trabalhos e os dias** e do **De rerum natura** lucreciano são convidados não somente a revestir-se do papel de alunos de moral/agricultura e física epicurista, mas inclusive, respectivamente, dos de irmão e patrono (ou amigo) de mestres identificáveis com “Hesíodo” e “Lucrécio”. Em **Cinegético**, entretanto, não ocorre qualquer nomeação do *discipulus*, ou endereçamento a ele para além dos modos minimamente exigidos pela dinâmica comunicativa da tipologia textual em pauta. Com isso, acreditamos, esse espécime da poesia didática antiga deixa de explorar e dar relevo a mais uma faceta possível, no âmbito do polo significativo atinente à figura do *discipulus*.

Por outro lado, para ensinar, não é preciso fazê-lo em segunda pessoa: muitas vezes se subentende que, ao apresentar o *magister* conteúdos técnicos recomendados por terceiros, sendo esses “autoridades” em um campo qualquer do saber humano, de todo modo convém ao aluno segui-los. Assim, encontram-se no **Cinegético** alguns trechos preceituadores semelhantes ao início de um excerto supracitado da obra, nos quais a evocação direta e mais definida do *discipulus* de novo se enfraquece, apesar de ainda serem repassadas recomendações sobre assuntos de caça:

*Primeiro, manda-se unir a fímbria que nasce do tênue fio e quatro fímbrias juntar no torno: essa corda tolera os trabalhos, essa tem uso prolongado.*²⁹

*Alguns encontraram em plumas arrancadas do imundo abutre um instrumento de trabalho e algo de não pouca valia. Apenas, entre as plumas do nível cisne elas se juntem, e já se tem equipamento que baste. As penas brancas brilham na clara luz, assustadora visão, mas o terrível cheiro do negro abutre perturba os bosques e o contraste de cores tem efeito mais forte.*³⁰

Tais “apagamentos” do “tu”/“vós”, eventualmente, do “nós”, implícito ou não, acabam, portanto, por retirar o *discipulus* do foco da cena associável aos poemas didáticos, tornando o público mero espectador de uma fala instru-

tiva transformada, por instantes, em espécie de monólogo. Tal efeito, que seria temerário propor como algo exclusivamente associável ao **Cinagético** de *Grattius*, parece-nos, todavia, conjugar-se à falta de maior exploração dos contornos humanos atinentes ao *discipulus* – no sentido discutido há pouco através do cotejo com Hesíodo e Lucrécio, sobretudo – e ocasionar, dessa maneira, algum esvaziamento do peso atribuído (pelo autor) a essa parcela da “constelação” professor-aluno.

Passando ao derradeiro ponto de comentário sobre os modos de encaixe “particularizado” do **Cinagético** na tradição da poesia didática antiga, convém lembrar a diferenciação um dia operada por Bernd Effe entre três categorias possíveis para os textos desse tipo.³¹ O crítico falou, assim, em poesia didática “ideal” (como no **De rerum natura** de Lucrécio, de todo ocupado apenas em expor os assuntos vinculados à física epicurista), em outra categoria dos poemas didáticos “transparentes” (como nas **Geórgicas**, nas quais o assunto dos trabalhos rurais tem sido compreendido à maneira de um “suporte” para a abordagem de temas centrais mais abstratos, de ordem moral, política ou até filosófica)³² e no didatismo “formal” de textos semelhantes aos **Theriaca** de Nicandro de Cólofon – séc. II a.C. –, cuja concentração em um único tópico expositivo, as características de certos animais peçonhentos, não o priva de privilegiar, em vez da clareza científica, ousados exercícios de virtuosismo compositivo diante de uma matéria de tão difícil tratamento poético.³³

No **Cinagético**, apesar de a camada significativa vinculada aos ensinamentos estritos sobre a caça não poder ser descartada, devido ao próprio rigor técnico relativo das exposições práticas de *Grattius* (TOOHEY, 2004, p. 241; MOYA, 2007, p. 465), ao modo de um mero pretexto para veicular outros assuntos, esses sim situados no centro das preocupações “formadoras” do autor, mais de um crítico (TOOHEY, 2010, p. 198-199; VERDIÈRE, 1964, p. 62) tem notado a grande insistência do poeta em recomendar valores abstratos como a *ratio* – “razão” – e a justa prevalência do império romano no mundo ao longo dessa obra, assim também se favorecendo alguma aproximação do texto considerado, parece-nos, diante da categoria da poesia didática “transparente”:

Essa base ideológica inesperada do Cinagético de Grattius é mais difundida do que pode aparecer à primeira vista. Encontra-se cristalizada em uma oposição entre ratio ou ars e uiolentia, uma

oposição tornada clara desde o proêmio (v. 5-9). Graças à ratio, aprendemos em v. 9, demens cecidit uiolentia retro (“a insana violência cedeu em retirada”). Ratio, além disso, demonstra ligação implícita com o estilo de vida frugal em vv. 24-60. Prodigalidade na feitura de redes é rejeitada (...), em favor dos tipos de produtos confeccionados por fazendeiros pobres, que trabalham duro (vv. 46-48). Paupertas (“frugalidade”) faz uma rede mais forte. A caça, Roma, a dominação do mundo e a frugalidade são, portanto, postas em contraste com a uiolentia, o gosto por luxo, ser estrangeiro e a definitiva falta de poder (...).³⁴

Se, como pretende Toohey, aspectos ideológicos importantes – mais importantes, em proeminência sociopolítica para os romanos antigos, que meras caçadas, materialmente compreendidas! – perpassam os versos do **Cinegético** de forma a configurar, para a ideia de *ratio*, nexos “implícitos” (*implicit*) com um “estilo de vida frugal”, talvez tenhamos, nos termos de Effe, motivos para divisar aqui uma sutil diferenciação dos conteúdos do poema entre dois níveis: o do “assunto” explícito – a caça – e o de um “tema” subjacente, mas ainda assim fundamental e pervasivo, identificando-se esse com certa norma de conduta comedida e potente para a consecução de objetivos mais altos.

4. Conclusão

O todo dos comentários apresentados demonstra que, compondo seu **Cinegético**, *Grattius Faliscus* deu vazão, com pertinência e liberdade criativa, aos grandes parâmetros estruturais da poesia didática antiga. Com isso, julgamos, logrou atestar, já na Era augustana da Literatura latina, a vitalidade e a flexibilidade dessa categoria compositiva, a qual remonta à Grécia arcaica de Hesíodo.

Nesse movimento, o autor, ao mesmo tempo, *harmonizou-se* com os principais pontos a que se pode atribuir a circunscrição tipológica da poesia didática – presença de mestre e aluno, emprego digressivo, eventualmente de caráter mítico, abordagem algo sistemática do tópico das caçadas, uso hexamétrico e extensão ideal cabível – e soube, demonstramos, *diferenciar-se* da caracterização do *discipulus* encontrável no **De rerum natura** e no pioneiro Hesíodo de Ascra, bem como pôde, em nossa opinião, até certo ponto afinar-se com uma subcategoria (a dos poemas didáticos “transpa-

rentes”) cabível para as **Geórgicas** virgilianas, mas não, por exemplo, para a obra de Lucrécio.³⁵

Documentação escrita

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Trad. Mary C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2008.

PUBLILIUS SYRUS *et alii*. **Minor Latin poets**. V. 1. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1982.

VIRGILE. **Les Géorgiques**. Texte établi et trad. E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

Referências bibliográficas

ANDERSON, J. K. **Xenophon**. London: Bristol Classical, 1974.

BROWN, P. Michael. **Lucretius’ “De rerum natura”**: edited with a commentary and vocabulary by P. Michael Brown. London: Bristol Classical Press, 2001.

CARDOSO, Zelia de Almeida. **A Literatura latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa de. **Metamorfoses em tradução**: relatório final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como trabalho de conclusão de Pós-doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 2010 (158 f.).

CLIMENT, Mariano Bassols de. **Sintaxis latina**: v. 1. Madrid: C.S.I.C., 1971.

DALZELL, Alexandre. **The criticism of didactic poetry**: essays on Lucretius, Vergil and Ovid. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 1996.

DEL PELOSO, Denise Milon. As manifestações ideológicas da caça em Atenas nos V e IV séculos a.C. **Phoïnix**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 121-137, 1999.

EFFE, Bernd. **Dichtung und Lehre**: Untersuchungen zur Typologie des antiken Lehrgedichts. Munich: C. H. Beck, 1977.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LARDINOIS, André. How the Days fit the Works in Hesiod’s “Works and Days”. **American Journal of Philology**, Baltimore, v. 119, n. 3, p. 319-336, Autumn/1998.

- MOYA, Francisca. Poesia “menor”. Siglos I y II d.C. In: CODONER, Carmen (Org.). **Historia de la literatura latina**. Madrid: Cátedra, 2007, p. 449-492.
- RODRÍGUEZ, José Antonio Correa (Org.). **Poesía latina pastoril de caza y pesca**. Madrid: Gredos, 1984.
- SCHEID, John. **La religion des Romains**. Paris: Armand Colin, 2010.
- SHARROCK, Alison. **Seduction and repetition in Ovid’s “Ars amatoria” 2**. Oxford: Clarendon Press, 1994.
- TOOHEY, Peter. **Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry**. London/New York: Routledge, 1996.
- _____. Passing time: hunting, poetry and leisure. In: _____. **Melancholy, love and time: boundaries of the self in ancient literature**. Ann Arbor: Michigan University Press, 2004, p. 222-260.
- TREVIZAM, Matheus. **Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio**. Campinas: Unicamp, 2014.
- VERDIÈRE, Raoul. **Poetae bucolici Cynegeticique minores: première partie – Gratti Cynegeticon Libri I quae supersunt (volume I, texte et traduction par Raoul Verdière)**. Wetteren: Universa, 1964.
- VOLK, Katharina. **The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

Notas

¹ Estes mesmos tópicos técnicos (cães e redes) se encontram abordados, no **Cinegético** de Grattius, respectivamente entre vv. 150-496 e vv. 38-74.

² O poema didático latino de que nos ocupamos, porém, trata dos equinos, nele considerados instrumentos de valia para os caçadores, entre vv. 497-441.

³ Sobre os aspectos educativos da caça em Xenofonte, veja-se também Denise Milon del Peloso (1999, p. 126): “Xenofonte explicou igualmente que a caça poderia servir de base para o aprendizado de qualquer profissão, pois só continha aspectos positivos: ‘Se quisermos praticar qualquer outra profissão honrosa, a caça não desvia de nenhuma, como o fazem outros prazeres desonestos’ [XII, 8]. É importante ressaltar que a caça, para Xenofonte, era igualmente prazerosa, mas de uma forma benéfica, porque aprimorava só o que era melhor para a sociedade, ou seja, tudo o que era defendido pela aristocracia. Assim, a caça simbolizava o bom, o melhor, a verdade, valores estes que Xenofonte queria mostrar como estando ligados ao grupo social nobre por ele representado”.

⁴ Peter Toohey (2010, p. 22) divide **Os trabalhos e os dias** em três grandes parcelas: a primeira delas, numericamente condizente com os versos 1-326, é por ele chamada de seção da “teoria” e contém, basicamente, preceitos de ordem moral em favor de valores como a justiça e o trabalho, muitas vezes veiculados através de fábulas como o mito das Idades (vv. 106-201), o de Prometeu e Pandora (vv. 42-105) e a narrativa sobre o falcão e do rouxinol (vv. 202-212); a segunda parcela diz respeito, segundo o mesmo crítico, ao trecho atinente à “prática” – vv. 327-764 –, reunindo “conselhos” sobre os meios de aquisição da riqueza através do trabalho (vv. 327-382), outros vinculados à boa condução dos afazeres agrícolas (vv. 383-617), outros sobre o comércio marítimo (vv. 618-694) e outros, enfim, de novo identificados com preceitos visando à acumulação de bens pelo honesto trabalhador (vv. 695-764); por último, o primeiro poema didático conhecido da Literatura ocidental tem agregada a si a parte relativa ao “calendário” das tarefas rústicas, distribuídas ao longo do ano agrícola – vv. 765-828. Essa parcela derradeira de **Os trabalhos e os dias** foi, entretanto, eventualmente posta em dúvida, no critério da autoria, por determinados estudiosos da obra, ou mesmo se excluiu por completo de certas edições do texto (TOOHEY, 2010, p. 22; LARDINOIS, 1998, p. 319-336).

⁵ *Ó Pêrse, sù dè taúta phresi bálleo sêsi, / kaí nu díkes epákoue, bies d’epilêtheo pámpan.* – “Tu, ó Perses, lança isto em teu peito:/ a Justiça escuta e o Excesso esquece de vez!” (HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**, vv. 274-275; trad. Mary C. N. Lafer, *grifos nossos*). O mestre no poema didático de Hesíodo corresponde a uma *persona* intratextual a mesclar-se com traços supostamente autobiográficos do autor; o aluno, por sua vez, é denominado “Perses” e se apresenta, além de como “pupilo”, ao modo de um irmão desonesto de Hesíodo, o qual lhe tomara mais do que o devido da herança paterna, aliciando juízes igualmente injustos.

⁶ Como explica Jaeger (2003, p. 88), não podemos dissociar, em **Os trabalhos e os dias**, o cotidiano de trabalho de homens como aqueles oriundos do estrato social de Hesíodo – o dos pequenos proprietários de terras da Beócia – e as concepções morais que se foram formando, também, nesse meio específico, tão distinto da “ambientação” homérica: “Assim como a lavoura todos os anos extraía novos frutos das profundezas da terra, por toda a parte também desabrocha uma moralidade viva, pensamentos originais e crenças religiosas”. Dessa maneira, os preceitos hesiódicos da “primeira parte” do poema – vv. 1-326 –, mais abstratamente enaltecedores de uma conduta humana de justiça e empenho construtivo, encontram em sua “segunda parte” – vv. 327-764 – um modo efetivo de realizar-se no cotidiano, pois caberia ao homem de modestas condições, a exemplo do próprio Hesíodo e, sobretudo, Perses, seu irmão, dignificar-se diante de deuses e mortais através do trabalho, não de emboscadas e violência.

⁷ Trata-se, de fato, da forma métrica *prevalente* ao longo da história da poesia didática antiga, presente, além de n’**Os trabalhos e os dias**, nas obras dos filósofos pré-so-

cráticos – Parmênides e Empédocles (séc. V a.C.) –, no **De rerum natura** lucreciano (meados de séc. I a.C.), nas **Geórgicas** de Virgílio (29 a.C.), etc. Cf. TOOHEY, 2010, p. 4: “The metre of didactic poetry is that of narrative epic, the hexameter”.

⁸ Cf. *supra* nota 4.

⁹ “Traditionally such poems comprised one book of about 800 lines (but at least 400 lines), although this changed as the form developed” (TOOHEY, 2010, p. 4).

¹⁰ A denominação “Faliscus” na verdade se deve ao fato de que, em v. 40 de sua única obra conservada, o mesmo Grattius emprega a expressão *nostris Faliscis* (“para os nossos faliscos”), talvez querendo referir-se aos naturais da cidade itálica de *Falerii* (na Etrúria) como seus conterrâneos.

¹¹ *At tu praecipitem qua spes est proxima labem/ aggredere* (GRATTIUS. **Cinegético**, vv. 468-469; trad. M. Trevizam, *grifos nossos*).

¹² Contribui para a atribuição de sentidos enfáticos a este pronome pessoal sujeito de segunda pessoa, expresso em v. 468, o fato de que, na língua latina, de modo algum é preciso expressar pronomes sujeitos de quaisquer verbos finitos, dada a inequívoca possibilidade de identificação das pessoas gramaticais através das próprias desinências que esses verbos contêm (CLIMENT, 1971, p. 188-189).

¹³ O verbo é composto pela forma depoente *gradi* (“caminhar”, “avançar”) e pelo prefixo *ad* (“para”, “em direção a”), o todo muitas vezes significando “ir em direção a” ou “atacar, acometer”.

¹⁴ “A glance back at the ‘map’ of the poem will demonstrate that, for example, vv. 42-212 are taken up with myth or narrative panels 42-105, Prometheus and the Pandora myth, 106-201, the Five Ages, 202-12, the hawk and the nightingale” (TOOHEY, 2010, p. 23).

¹⁵ Em **Ars amatoria** II, vv. 561-588, conta-se uma lenda sobre a surpresa a Vênus e Marte, casal adúltero, por obra de Vulcano, o marido traído. Esse, assim, dispusera ao redor do leito dos amantes redes “secretas”, que os prenderam quando se deu seu encontro amoroso furtivo, fazendo-os serem expostos nus ao riso dos deuses.

¹⁶ M. Fúrio Camilo, aqui aludido retoricamente no plural, foi o conquistador de *Veii* e salvou Roma depois do desastre de Ália; sua proverbial pobreza encontra-se documentada em Horácio (**Odes** I, XII, vv. 42 *et seq.*).

¹⁷ C. Atílio Régulo Serrano foi cônsul em 257 e 250 a.C. Teria deixado os trabalhos agrícolas para encarregar-se de comandos militares, como conta Virgílio (**Eneida** VI, v. 845).

¹⁸ *Scilicet ad summam ne quid restaret habendi,/ tu quoque luxuriae fictas dum colligis artes/ et sequeris demens alienam, Graecia, culpam,/ o quantum et quotiens decoris frustrata paterni!/ At qualis nostris, quam simplex mensa Camillis!/ Qui tibi cultus erat post tot, Serrane, triumphos!/ Ergo illi ex habitu uirtutisque indole*

*priscae/ imposuere orbi Romam caput, actaque ab illis/ ad caelum uirtus summos-
que tetendit honores* (GRATTIUS. **Cinegético**, vv. 322-330; trad. M. Trevizam).

¹⁹ A expressão não é nossa, encontra-se empregada, para designar em conjunto tais constituintes indispensáveis da poesia didática, por Katharina Volk (2002, p. 37).

²⁰ “Instruction, rather than play, conditions Grattius’ text. The utilitarian dominates poetic texture. Whimsy and wordplay are excluded (there is none of that humor or misdirection that calls into doubt the applicability of the material being broadcast)” (Trad. M. Trevizam).

²¹ “Al pretender enseñar las artes cinegéticas, el autor se detiene en explicaciones eruditas de diverso tipo, llegando, por ejemplo, en su detallismo, a hablar de la indumentaria del cazador (337-343)” (Trad. M. Trevizam).

²² *Prima iubent tenui nascentem iungere filo/ limbum et quadruplices tormento ad-
stringere limbos:/ illa operum patiens, illa usus linea longi./ Tunc ipsum e medio cas-
sem quo nascitur ore/ per senos circum usque sinus laqueabis, ut omni/ concipiat
tergo, si quisquam est plurimus, hostem./ At bis uicenos spatium praetendere passus/
rete uelim plenisque decem consurgere nodis;/ ingrati maiora sinus impendia su-
ment./ Optima Cinyphiae, ne quid cunctere, paludes/ lina dabunt; bonus Aeoliae de
ualle Sibyllae/ fetus et aprico Tuscorum stuppea campo/ messis contiguum sorbens
de flumine rorem,/ qua cultor Latii per opaca silentia Thybris/ labitur inque sinus
magno uenit ore marinos./ Ac contra nostris imbellia lina Faliscis/ Hispanique alio
spectantur Saetabes usu* (GRATTIUS. **Cinegético**, vv. 25-41; trad. M. Trevizam).

²³ Cf. *supra* nota 9.

²⁴ *Quodsi dat spatium clemens et promonet ortu/ morbus, disce uias et qua sinit
artibus exi* (GRATTIUS. **Cinegético**, vv. 413-414; trad. M. Trevizam, *grifo nosso*).

²⁵ *Idcirco aeriis molimur compita lucis/ spicatasque faces sacrum ad nemorale
Dianae/ sistimus et solito catuli uelantur honore,/ ipsaque per flores medio in dis-
crimine luci/ strauere arma sacris et pace uacantia festa.* – “Por isso construímos santuários de encruzilhada nas altas florestas, colocamos fachos pontudos junto ao sagrado e silvestre recinto de Diana e os cães se recobrem com o adorno de costume; e, no meio da encruzilhada da floresta, pelas flores se depuseram as próprias armas, sem uso nos ritos e na paz festiva” (GRATTIUS. **Cinegético**, vv. 483-487; trad. M. Trevizam, *grifos nossos*).

²⁶ Pronunciando-se, especificamente, sobre o livro II da **Ars amatoria**, mas de modo aplicável também a outros poemas didáticos, SHARROCK (1994, p. 8) afirma: “We are that Reader – anyone – and yet also we are not, but are persuaded to view ourselves as a sophisticated external audience watching, at a stage removed, the lover’s progress in his studies. (...) The implied ideal reader of our text must be able both to identify with the Reader and to dissociate himself”.

²⁷ Cf. *supra* nota 5.

²⁸ “The absence of Memmius’ name from the third, fourth and sixth books, which may well have been the last composed, may be due purely to chance; not only is the whole poem conceived as a *personal appeal* (which the general reader is allowed to overhear), but the language associated with Memmius in the first, second and fifth books is sometimes echoed in the second person addresses in the three other books (...)” (BROWN, 2001, p. XVII; trad. M. Trevizam, *grifo nosso*).

²⁹ *Prima iubent tenui nascentem iungere filo/ limbum et quadruplices tormento adstringere limbos:/ illa operum patiens, illa usus linea longi* (GRATTIUS. **Cinegético**, vv. 25-28; trad. M. Trevizam).

³⁰ *Sunt quibus immundo decerptae uulture plumae/ instrumentum operis fuit et non parua facultas./ Tantum inter niuei iungantur uellera cygni,/ et satis armorum est. Haec clara luce coruscant/ terribiles species, at uulture dirus ab atro/ turbat odor siluas meliusque alterna ualet res* (GRATTIUS. **Cinegético**, vv. 75-80; trad. M. Trevizam).

³¹ “He [Bernd Effe] based his classification on the distinction between matter and theme. By matter (‘der Stoff’) he means the basic material of the poem out of which it is fashioned; it is the ostensible subject, what the author puts on the title page. By theme (‘das Thema’) Effe means the real subject of the poem, which may or may not be identical with its ostensible subject. With the help of this distinction, Effe defines three types of didactic poetry: first the ‘ideal type’, in which there is a complete coincidence of matter and theme; a second or ‘formal type’, in which again matter and theme coincide, but the commitment to the subject is so weak that both matter and theme are pushed into the background by the formal interests of the author; and a third type which he calls ‘transparent’, in which matter and theme, though related to one another, are not identical. In this third case the main interest of the author is in the theme, and the ostensible subject, though not without importance, is subordinate to it. The ideal type is exemplified by Lucretius and Manilius, the formal by Nicander, and the transparent by Aratus and Virgil” (EFFE *apud* DALZELL, 1996, p. 32).

³² Nem tudo, porém, são certezas ou pontos de pacífica concordância quando as categorias de análise de Effe se aplicam, na prática, à análise de textos didáticos complexos, a exemplo das próprias **Geórgicas** virgilianas ou dos **Phaenomena** de Arato. “Again, the distinction which Effe wishes to make between the real and the ostensible subject of a poem is difficult to define. Would readers of Virgil be able to agree on the ‘real subject’ of the **Georgics**? And what is the real subject of Aratus’ **Phaenomena**? Is it, as Effe maintains, the Stoic concept of destiny, or is this merely a part of his astronomical teaching? If the concept of divine destiny is what the poem is ultimately about, all one can say is that Aratus has not tried very hard to

keep this theme before the reader's mind. Complexity and variety of subject matter are typical of didactic poetry from Hesiod on. The Stoic framework gives to Aratus' science a deeper significance, but it cannot be shown to have pushed the astronomy into second place" (DALZELL, 1996, p. 22-23).

³³ Sobre certa serpente descrita na obra **Theriaca**, de Nicandro de Cólono, Tohey (2010, p. 65) afirma: "Nicander has instructed us on how to recognize both the snake and the symptoms of its bite. But the description of the snake is not at all detailed – it is small, thin, dark, and is blacker from the end forward (vv.334-7). One could be forgiven for mistaking this creature for a small, decorated lead pencil, for all of the detail within Nicander's pen-portrait. The description of the death of a victim of a dipsas is more generous (vv.338-42). The bite produces a thirstiness of epic proportions".

³⁴ "This unexpected underpinning of Grattian's **Cynegetica** is more extensive than may appear at first sight. It is cristalized in an opposition between *ratio* or *ars* and *uiolentia*, an opposition made plain from the proem (vv. 5-9). Thanks to *ratio*, we learn in v. 9, *demens cecidit uiolentia retro* ('mad violence falls to the rear'). *Ratio*, furthermore, exhibits an implicit link with the frugal lifestyle in vv. 24-60. Lavishness in the making of nets is rejected (...) in favor of the sort of products constructed by poor, hard-working farmers (vv. 46-8). *Paupertas* ('frugality') makes a stronger net. Hunting, Rome, world domination, frugality are thus set against *uiolentia*, a taste for luxury, being foreign, and ultimate powerlessness (...)" (TOOHEY, 2010, p. 198; trad. M. Trevizam).

³⁵ Muito embora o autor do **Cinegético** e Lucrécio pudessem, por outro lado, ser tipologicamente aproximados devido a sempre concederem bastante interesse e sistematicidade expositiva ao "assunto" ostensivo de suas respectivas obras, a caça e a física epicurista. O próprio Effé (1977, p. 161), ainda, vincula-os porque, em seu entender (e diferentemente de nossas elucubrações acima), não haveria distinção alguma entre os níveis do "assunto" e do "tema" na obra de Grattius.